

Oficina de Filosofia das Ciências Sociais e Humanas – 27 Maio 2008 – FCUL (comunicações)

10h15 | Vítor Neves | **É a Economia uma ciência humana?**

A questão pode parecer algo estranha. Que outra coisa pode ela ser senão uma ciência humana (social)? A verdade, porém, é que desde há mais de meio século a Economia se tem vindo a afirmar crescentemente como uma ciência técnico-matemática (alguns falam de uma "matemática social") cada vez mais desligada das suas raízes e de uma longa tradição como ciência humana (uma "ciência moral"). Com esta comunicação pretende-se discutir a natureza da Economia como ciência, centrada numa reflexão acerca da tensão entre a procura de uma cientificidade que toma por referência o método das ciências naturais (em particular a Física) e a incontornável dimensão prática-moral da Economia.

10h50 | Isabel Coentro | **As Ciências Humanas - o caso da Psicologia**

A constituição da Psicologia como ciência, é em si um caminho percorrido de forma árdua. A sua evolução tem-se feito por aproximação às ciências da natureza, numa perspectiva muitas vezes reducionista dos problemas que pretende resolver. A Psicologia é, aquela ciência, que ao contrário do pretendido por outras, não pode excluir do seu seio, o seu bem mais importante - o Homem.

11h45 | Roberto Carlos de Assis | **Agentes e ações na criação de uma disciplina: o caso dos Estudos da Tradução no Brasil**

Nesta comunicação pretende-se apresentar as formas de representação dos atores sociais, bem como de suas ações, no processo de reconhecimento dos Estudos da Tradução como disciplina autónoma no contexto brasileiro. Um inventário sócio-semântico das opções oferecidas pela

linguagem para referir-se às pessoas é utilizado para a análise de um corpus composto por textos que traçam o percurso histórico da disciplina. Os resultados revelam que a personalização e ações materiais transacionais instrumentais são a principal forma de representação dos articuladores do processo que tem os tradutores como principais beneficiários.

12h20 | Ricardo Julião | **Espaços de verdade. A partir de Michel Foucault.**

No ano lectivo de 1973-1974 Foucault ministra um curso no Collège de France com o título *Le Pouvoir Psychiatrique* no qual procura executar uma arqueologia do saber psiquiátrico e uma genealogia tanto da prática disciplinar, quanto da instituição hospitalar psiquiátrica. No decurso dessa análise Foucault faz um desvio no seu trajecto para realizar uma pequena história da noção de verdade. É sobre o conteúdo apresentado nesse parêntesis que o nosso discurso irá incidir. Propomos como hipótese de trabalho a distinção realizada pelo autor entre verdade-demonstração e verdade -acontecimento, para desse modo indicar que esta distinção poderá ter um papel operativo tanto para a filosofia quanto para a história da ciência ao tornar visível a estreita relação existente entre a gestão do espaço e a produção de verdades, assim como de subjectividades.

12h55 | Eduardo Pellejero | **Pensar para além da verdade - A ficção na sociedade, na história, na filosofia**

De um modo geral, no contexto dos saberes e dos poderes contemporâneos, das instituições políticas e das disciplinas intelectuais, a ficção aparece muitas vezes – na medida em que reclama para si um domínio que não se rege por critérios de verdade, objectividade ou consenso – como despojada de um efectivo poder de intervenção sobre a realidade. E, contudo, a ficção dá conta –

Oficina de Filosofia das Ciências Sociais e Humanas – 27 Maio 2008 – FCUL (comunicações)

deu e continua a dar conta – de uma verdadeira positividade, que tanto produz os seus efeitos sobre o espaço público, transformando ou transvalorando um certo estado de relações de força, como sobre a lógica dos saberes e da história das suas instituições, abrindo novas perspectivas ou pondo em causa princípios estabelecidos. A ficção, neste sentido, dá provas de uma efectividade que vai muito para além da história da literatura, das poéticas autorais e das teorias estéticas. Efectividade que, em todo o caso, é necessário problematizar, avaliando a natureza e o alcance da mesma, assim como despregando a lógica das suas formas de funcionamento efectivas.

15h05 | Carlos A. M. Gouveia | **A glória de uns e o domínio de outros: sobre relações de poder na prática científica**

De base linguística, embora foucauldiana e faircloughiana, esta apresentação busca desconstruir analiticamente processos de naturalização de práti-cas de produção de significados hegemónicos no discurso científico. Alguns processos linguísticos de significação, nomeadamente os decorrentes de princípios de nominalização, de intrincamento gramatical, de metaforização gramatical e de relações discursivo-sociais, serão analisados criticamente, com vista a demonstrar que o discurso científico, enquanto *locus* de poder e de dominação, é também um discurso de silenciamento de teorias e de paradigmas de conhecimento.

15h40 | Marta Alexandre | **Reflexão epistemológica sobre a investigação em ciências da linguagem em Portugal**

Este trabalho apresenta uma análise crítica de textos dos sítios das oito

unidades de investigação portuguesas da área de ciências da linguagem e dos relatórios elaborados pelo painel que procedeu à avaliação dessas mesmas unidades no último processo de avaliação da FCT (2003). Situando-me na perspectiva de uma epistemóloga crítica, procurarei mostrar, entre outros aspectos, que a investigação é predominantemente descaracterizada, impessoalizada e desumanizada.

16h25 | Isabel Pinto | **Merleau-Ponty e a experiência da afectividade na criança** (a confirmar).

17h20 | Catarina Pombo Nabais | **Proust e os signos: as Categorias, a Lei, a Loucura**

Proust e os signos é uma obra exemplar. Sendo o primeiro livro que Deleuze dedica à literatura e a um autor literário, é também o livro onde melhor se dá a ver uma descontinuidade de posições de Deleuze face à literatura. Deleuze regressa por duas vezes a este texto. À primeira edição de 1964, ele acrescenta, em 1970, a segunda parte «A Máquina Literária», e, em 1973, a conclusão «Presença e Função da Loucura, a Aranha». Podemos ler neste texto três leituras completamente diferentes de *À Procura do Tempo Perdido*. Por exemplo, na própria definição desse livro de Proust vemos surgir três concepções diferentes. Em primeiro lugar, *À Procura do Tempo Perdido* é apresentado como uma narrativa da aprendizagem, onde a tarefa do narrador é a de explicar os conteúdos escondidos nos signos, até à revelação final da essência, que ele descobre nas obras de arte. Num segundo momento, na edição de 1970, o mesmo livro de Proust é definido como uma máquina de produção da verdade, que funciona na base de uma série de transgressões das leis do desejo. Finalmente, na terceira parte, *À Procura do Tempo Perdido* é pensado pela figura de uma teia feita por um Narrador-aranha, enquanto

Oficina de Filosofia das Ciências Sociais e Humanas – 27 Maio 2008 – FCUL (comunicações)

corpo-sem-orgãos. Na primeira edição de 1964, inspirada pelo universo de Bergson, Hume, Kant, Nietzsche, *À Procura do Tempo Perdido* é lido no interior de uma perspectiva kantiana, como sendo a consequência dessa harmonia discordante entre as faculdades que define a própria experiência da arte. Na segunda edição, o olhar psicanalítico impõe a explicação da unidade da obra pela sua relação com a lei, com o interdito. É o horizonte de *Apresentação de Sacher-Masoch*, de *Diferença e Repetição* e de *Lógica do Sentido*, que faz Deleuze regressar a Proust em 1970, fazendo assim da segunda edição de *Proust e os Signos* um caso limite de uma aproximação édipiana à natureza da ficção literária. Na terceira edição, após a publicação de *O Anti-Édipo*, ou seja no momento de ruptura com as categorias de Freud e de Lacan, Deleuze projeta sobre *À Procura do Tempo Perdido* o ponto de vista do seu novo programa esquizoanalítico.

É portanto todo um conjunto de paradigmas literários muito diferentes que se manifesta nos vários modos de explicar a unidade da obra de Proust. *Proust e os signos* constitui assim um laboratório único para acompanhar as metamorfoses no pensamento deleuziano desde um primeiro momento kantiano ao seu período anti-psicanalítico, passando pelo estado estruturalista.

17h55 | Nuno Nabais | **Deleuze e Édipo. Pode a psicanálise integrar as objecções de Deleuze a Freud?**

"Para Deleuze, Édipo constitui a "Metafísica" da psicanálise, enquanto o resultado do uso ilegítimo daquelas que seriam, segundo *Anti-Édipo*, as três sínteses do inconsciente - a síntese conectiva de produção, a síntese disjuntiva de registo e a síntese conjuntiva de consumo. A esquizoanálise propõe então uma descrição do inconsciente sem a sua inscrição

originária no plano do simbólico, nem no plano do imaginário. Na genealogia que ele propõe da implantação perversa da lei de Édipo no desejo e da triangulação familiar como núcleo essencial da estrutura política, os argumentos de Deleuze pertencem sobretudo aos domínios da antropologia política e da economia. 30 anos depois, poderemos ainda considerar *Anti-Édipo* como parte das ciências humanas, ou apenas um capítulo de um programa filosófico singular?"

18h30 | Nuno Miguel Proença | **Afinal o que significa o inconsciente?**

Numa conferência de 1986, o filósofo Michel Henry retoma alguns dos textos metapsicológicos de Freud de modo a esclarecer fenomenologica-mente o conceito de inconsciente. Por intermédio de uma interrogação sobre a ligação entre as representações e os afectos, avalia a significação que a (re)descoberta freudiana pode ter para o conhecimento humano. Vamos retomar esta leitura de modo a situar a importância de algumas das hipóteses freudianas para a filosofia das ciências humanas.